



## CRIATIVIDADE, ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO: ACOLHENDO A DIVERSIDADE E FAVORECENDO A INCLUSÃO

## CREATIVITY, SPIRITUALITY AND EDUCATION: WELCOMING DIVERSITY AND FAVORING INCLUSION

ALVES, Maria Dolores Fortes<sup>1</sup>  
HOLANDA, M<sup>a</sup> Júlia B. de<sup>2</sup>

### RESUMO

Nesse artigo refletiremos sobre a criatividade, resiliência, espiritualidade, educação e os novos caminhos para a inclusão. E, para refletirmos sobre isso, devemos buscar novos paradigmas e pensamentos que norteiam a busca de uma educação para inteireza, para integração e interdependência corpo, mente, espírito, sujeito, sociedade, natureza, uma educação para e pela diversidade. Uma educação auto, hetero-ecoformadora. Uma educação do ser e do sentir, do pensar e agir, do “sentipensar”, uma auto-eco-hetero-formação.

**Palavras-Chave:** criatividade; resiliência; espiritualidade; ecoformação.

### ABSTRACT

In this article we reflect on the creativity, resilience, spirituality, education and new paths for inclusion. And to reflect on it, we must seek new paradigms and thoughts that guide the pursuit of an education for wholeness, integration and interdependence for body, mind, spirit, subject, society, nature, and education for diversity. A self-education, hetero-ecoforming. An education of being and feeling, thinking and acting, the "sentipensar" (thinking-feeling), a self-eco-hetero-formation.

**Keywords:** creativity; resilience; spirituality; eco-formation

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Educação – PUC/SP-CNPq (Pontifícia Universidade Católica); e UB (Universidade de Barcelona), Mestre em Psicopedagogia e Pedagogia - UNISA; Pós-Graduada em Distúrbios da Aprendizagem pela UBA (Universidade de Buenos Aires); Especialista em Educação em Valores Humanos; Pesquisadora GEPI (Grupo de Estudos Pesquisas Interdisciplinares), RIES (Rede Internacional Ecologia dos Saberes), ECOTRANS (Ecologia dos Saberes e Transdisciplinaridade - CNPq), RIEC (Rede Internacional de Escolas Criativas), GIAD (Grupo de Investigação e Assessoramento Didático. Universidade de Barcelona) e ADESTE (A Adversidade Esconde um Tesouro- UB); Autora de diversos artigos e livros entre eles: “De Professor A Educador: Contribuições da Psicopedagogia: ressignificar valores e despertar autoria”, “O Vôo da Águia: uma autobiografia” e “Favorecendo a Inclusão pelos Caminhos do Coração: Complexidade, Pensamento ecossistêmico e Transdisciplinaridade”, todos pela WAK. E-mail: [mdfortes@gmail.com](mailto:mdfortes@gmail.com), Site pessoal: [www.edupsicotrans.net](http://www.edupsicotrans.net).

<sup>2</sup> Mestra em Educação da UCB/DF. Membro do Grupo de Pesquisa ECOTRANS - Ecologia dos saberes, Transdisciplinaridade e Educação - UCB/DF. E-mail: [juliaholanda1@hotmail.com](mailto:juliaholanda1@hotmail.com), CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4298961141386037>.

## Introdução

“A adversidade desperta em nós capacidades que, em circunstâncias favoráveis, teriam ficado adormecidas”.

HORÁCIO

Nesse artigo refletiremos sobre a criatividade, resiliência, espiritualidade, educação e os novos caminhos para a inclusão. Nossa jornada reflexiva inicia-se pelos pensamentos que norteiam a busca de uma educação para inteireza, para integração e interdependência corpo, mente, espírito, sujeito, sociedade, natureza. Uma educação para e pela diversidade! Uma educação auto, hetero-ecoformadora. Uma educação do ser e do sentir, do pensar e agir, do “sentipensar” (MORAES; TORRE, 2004).

O início dessa jornada se dá no diálogo das disciplinas, na busca da unidade com interdisciplinaridade e caminha para a religação dos saberes e seres. Este intento ocorre por meio da atitude transgressora, transdisciplinar e, sobretudo, na compreensão da tessitura humana e planetária que emerge a partir da resiliência, da ecoformação, da consciência espiritual que nos lança para uma educação amorosamente inclusiva!

## Diálogo entre saberes

A *Interdisciplinaridade* constitui-se como algo que se vive, se troca, e implica em uma atitude do espírito livre que tem como desígnio a curiosidade, a abertura e a intuição para a descoberta das relações e interrelações existentes entre as coisas. Segundo Fazenda (apud, MORAES, 2004, p. 206) “é a forma de restabelecer a unidade perdida do saber”. A interdisciplinaridade é mais que o diálogo entre as disciplinas, é acima de tudo o diálogo entre seres e saberes.

A *Transdisciplinaridade* abraça-se à *inter* e caminha para outros níveis de

realidade, do microfísico ao microfísico, energético, aonde se dá a inteireza do ser: afeto, intuição, sensibilidade, espiritualidade.

A transdisciplinaridade reconhece e necessita da multidimensionalidade, da multissensorialidade para se concretizar. O fluxo energético do pensamento transdisciplinar atravessa os diferentes níveis de realidade, lançando mão não só da cognição, mas também da intuição, emoção, afetos, sagrado, mundo onírico etc. - o todo integrado. Ou seja, produz um conhecimento que é simultaneamente interior e exterior. Ultrapassa as fronteiras das disciplinas, das culturas e religiões provocando a unificação do sujeito com o objeto - do indivíduo, da sociedade e da natureza, transcendendo-os.

A *Complexidade* diz-nos do que é tecido em conjunto. Somos uma imensa teia em que tudo (energia e matéria) está imbricado. Diante disto, Capra (1987) nos explica que a *Criatividade* surge quando um sistema se torna instável. Além disso, existem sempre pelo menos duas novas estruturas prováveis para as quais ele pode evoluir e quanto mais o sistema se distanciar do equilíbrio, mais opções existirão. Desde aí, percebemos a importância da diversidade, das emergências e bifurcações da vida. Diante das diversas opções oferecidas é impossível prever qual será escolhida, uma vez que há liberdade de escolha. Também, percebemos que, quando o sistema se aproxima do ponto crítico, ele mesmo “decide” quais os caminhos a seguir, e essa decisão será determinante para sua evolução. Sistemas sociais nos mostram isso, bem como, a família e muitos outros sistemas e subsistemas.

Diante das bifurcações que provocam desequilíbrio e caos, o sistema e subsistemas se auto-eco-organizam, se recriam, se transformam. Capra ainda nos clareia que “o conjunto de possíveis caminhos evolutivos pode ser concebido



como um gráfico de múltiplas encruzilhadas com decisões livres em cada bifurcação” (CAPRA, 1987, p. 287). Essas diversas bifurcações ou flutuações possibilitam um novo estado capaz de reorganizar a totalidade do sistema dando origem a uma nova ordem a partir de uma aparente desordem. Na interação entre ordem e desordem gesta-se uma nova adaptação e criação, e, por conseguinte, a evolução do sistema. É com base nesta análise, que no tópico a seguir, falaremos mais detalhadamente sobre resiliência, tema que nos trará reflexões sobre os “caminhos da inclusão e a inclusão como caminho e o fortalecendo da teia da vida” (ALVES, 2013 p. 130).

Enfatizamos ainda que, ao compreendermos o pensamento transdisciplinar, e assumirmos uma atitude transdisciplinar, poderemos perceber que a *Criatividade* é intrínseca à vida. Sendo com isso, a possibilidade de renovação! Sem criatividade, os sistemas entram em estagnação, e em decorrência, em processo de entropia. Sabemos que a incerteza é a única certeza e que a mudança é constante e necessária para que os sistemas continuem se renovando, se recriando e vivos. Nada é fixo ou estático tudo se faz em um eterno processo de probabilidades, possibilidades, vivo e apaixonante. O universo e os seres vivos estão constantemente se recriando, em constante processo de se fazer, de se autocriar, de autopoiesis<sup>3</sup>. Isso é a criatividade!

Agora, seguimos refletindo sobre resiliência que trata da nossa capacidade de superar as situações difíceis sem nos desestruturarmos, sem perdermos nossa unidade.

### Resiliência

“Aprendemos a voar como os pássaros, a nadar como peixes, mas ainda não

<sup>3</sup> Autocriar-se, termo empregado por Maturana e Varela (1995).

aprendemos a viver juntos.”

MARTIN LUTHER KING

Podemos pensar e sentir que, para que as novas gerações possam ter alguma possibilidade de enfrentar problemas decorrentes de crises, das adversidades da vida, das catástrofes naturais ou produzidas pela mão do homem, ambientais e planetárias (TORRE, 2011), e ainda por situações difíceis de inter-relacionamentos, é que se expressa a importância da criatividade e da diversidade. Nelas, podemos perceber que é a partir das dificuldades, da desordem, do desequilíbrio e das diferenças, aparentemente contraditórias, que, criativamente, podem emergir situações que estimulam de modo positivo a renovação e fortalecimento dos laços sociais, da *humanidade do humano* (MORIN, 2002).

Resiliência refere-se a uma palavra emprestada da física e muito usada atualmente para designar os sujeitos que têm a capacidade de superar situações difíceis de uma maneira criativa, sem se desestruturarem diante dos momentos dolorosos. Para Moraes (2004), resiliência é uma “capacidade humana universal que faz com que o indivíduo seja capaz de enfrentar as adversidades da vida, de superá-las e transformá-las” (p. 305). Logo, podemos compreender que um sujeito resiliente é aquele que supera as desventuras da vida e desenvolve outro jeito mais adequado e criativo de viver com as adversidades.

Desse modo, ter fé, tenacidade e afinco em suas ações, esperança amorosidade no seu coração, confiança e coragem mental, são lições que as pessoas que convivem com a diversidade aprendem bem cedo e podem ensinar a todos que com eles convivem. Além de nos ensinarem a ter o pensamento mais flexível e menos dual, mais criativo e nutrido por sentimentos de alegria e uma visão mais profunda e abrangente em relação aos fatos da vida, ressignificando os valores que embasam o nosso aprender a ser, viver e conviver



(DELORS, 2000).

A biologia, física, antropologia, educação etc., são ciências que corroboram essas afirmações. Atualmente várias pesquisas (MATURANA; VARELA, 1997; 1995; CAPRA, 1987; 1999; MORAES, 2008; MORAES; TORRE, 2004) nos apresentam os conhecimentos de que a vida inteira do planeta se faz emergir em um contexto de relações, de cooperação, seja esta relação e cooperação entre átomos, moléculas, células, seres ou órgãos. É graças a este processo de troca e criatividade que a vida se renova e se mantém a cada instante. Até mesmo depois de um processo de entropia e morte, também há novos processos de transformação da matéria e renovação da vida. Tudo é recursivo e retorna de uma maneira transformada. Novamente, chamamos Moraes para confirmar estes conhecimentos. Assim, ela expõe que: “somos constituídos pelos mesmos elementos físico-químicos e pela mesma energia e campos vibracionais constitutivos da mãe Terra e da qual, em realidade, não estamos separados.” (MORAES *in* MORIN et al., 2011a, p.142).

Maturana e Varela (1995, p. 269) nos dizem que é a aceitação do outro junto a nós no conviver e comunicar é que alicerça o fundamento biológico do fenômeno social. Ou seja, sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem esta não há humanidade, não há humanização. Sem a socialização o ser humano pode ser comparado a qualquer outro animal, pois, é no conviver e comunicar através do fenômeno social e cultural, que o humano se humaniza.

Maturana e Varela (1995) também acrescentam que qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. Como nos diz estes autores acima

citados: “criar o conhecimento, o entendimento que possibilita a convivência humana, é o maior, mais urgente, mais grandioso e mais difícil desafio com que se depara a humanidade atualmente.”. (MATURANA; VARELA 1995, p.27)

Estudos biológicos, ontológicos e antropológicos (MORIN, 1977; 1980; 1997, MATURANA, 1997; 2001; MATURANA; VARELA, 1995; 1997, CAPRA, 1999) mostram-nos que, graças aos conhecimentos de outras culturas, e a troca destes conhecimentos culturais, é que os humanos conseguiram sobreviver às catástrofes e doenças. Graças a nossa solidariedade biológica é que nossas células acumulam memória genética e que nos tornamos resistentes a doenças. Como diz Torre (2011), “A adversidade esconde um tesouro.” Ou seja, a diversidade cultural e o diálogo entre diferentes seres com suas diferenças físicas, étnicas, emocionais e culturais contribuem para o surgimento de novas formas de relação do humano consigo, com o outro e com a natureza. Essas pessoas têm criatividade natural para a superação de obstáculos, de situações difíceis e aparentemente intransponíveis. Segundo esse autor (TORRE, 2011, p. 14), as pessoas criativas têm mais possibilidades de enfrentar obstáculos e desafiar as adversidades e crises, do que aquelas que foram educadas dentro de padrões e os reproduzem.

Quando nossa mente e espírito permanecem abertos flexíveis e nos damos as mãos na alegria da partilha, surge a criatividade e inúmeras possibilidades de criação. Portanto, além da partilha de saberes e superação das adversidades pela criatividade compartilhada, esta partilhada na diversidade, possibilita-se a superação, a inteireza humana, na qual toda pessoa tem outorgado o direito de ser único, legítimo. Que em que cada sujeito possa *habitar-se* (MATURANA; YANEZ, 2009) em si, vivendo plenamente o “sentimento de pertencimento” a humanidade, a cultura, a sociedade e a tessitura planetária e cósmica.



Esta perspectiva nos possibilita uma educação ecoformadora que se dá na e pela solidariedade, na e pela consciência da ação, na e pela a compaixão, na e pela escuta sensível, no e pelo autoconhecimento, na e pela consciência espiritual. Em uma educação para além da cognição, em que estejam presentes o sujeito indiviso (corpo, mente e espírito) em interação e equilíbrio com a sociedade e natureza, possibilitar-nos-á a consciência de nossa complexidade humana, de nossa tessitura comum. E essa talvez seja a única garantia de uma solidariedade cultural, intelectual, moral e de sobrevivência da humanidade.

Sendo assim, “O humano somente se faz humano pelo olhar amoroso de outro humano.” Ensinemos a viver humanamente, humanizando nosso olhar, nosso ouvir nosso sentir, nosso pensar (ALVES, 2009a; 2009b).

Compreendemos que uma educação para inteireza, para a inclusão, se faz na busca da compreensão da complexidade das relações entre os sujeitos, dos sujeitos consigo mesmos e com os objetos que circundam nosso universo infinito-particular, a fim de que possamos recuperar os sentidos das relações enigmáticas dos sujeitos com as múltiplas realidades, através da consciência de sua multidimensionalidade (um sujeito intuitivo, racional, emocional, social e espiritual). Para isso, nos colocamos diante de um olhar transcendente e sistêmico, que propõe uma articulação dos saberes das ciências, das artes, da filosofia, das tradições sapienciais e da experiência dos diferentes modos de percepções e discriminação da Realidade singular de cada sujeito bem como, da relação dessa Realidade e do Real, (RANDOM, 2000).

A diversidade, sendo elo de construção de palavras integradoras, sendo fio fortalecedor da tessitura emocional, espiritual, social e planetária, pode favorecer infinitos processos criativos diante do abraço acolhedor das diferenças,

que possibilita o surgimento de pontes, unindo-nos uns aos outros e nos impulsionando ao reencontro com nossa matriz de amorosidade, cooperação e solidariedade em que cada fio-sujeito carrega, em si, a semente do Todo. E, como sabemos, quanto maior a diversidade de fios, mais forte se torna a trama social, ecossistêmica e planetária. Sendo assim,

[...] a aceitação do outro junto a nós na convivência é o fundamento biológico do fenômeno social. Sem aceitação do outro junto a nós, não há socialização, e sem essa não há humanidade. Qualquer coisa que destrua ou limite a aceitação do outro, desde a competição até a posse da verdade, passando pela certeza ideológica, destrói ou limita o acontecimento do fenômeno social. Portanto, destrói também o ser humano, porque elimina o processo biológico que o gera. (MATURANA; VARELA, 1995, p. 269).

Se, como diz Maturana e Varela (1995), também confirma Morin (2002), a existência do ser humano e a *humanidade do humano* só é possível no meio social e por meio da convivência. Ser parte de outros grupos humanos e da natureza como um todo é condição essencial para a construção da identidade de cada um. E a aprendizagem se faz de maneira integrada e integradora em um ambiente de convivência entre o homem e seu ambiente externo, os dois intimamente interligados. Então, nele o conhecimento é gerado individualmente dentro desse processo de compartilhamento e interação em que é a essência criadora do ser humano que faz surgir o mundo em um movimento ecossistêmico, ecoformador.

### Ecoformação

A ecoformação emerge vinculada ao paradigma ecossistêmico” (TORRE, 2008, p. 21). Este, por sua vez, trata da interação entre os elementos que constituem o



sistema. Os vínculos interativos circundam o ambiente natural e social, pessoal e transpessoal. O desenvolvimento humano está relacionado à vida em todas as manifestações sustentáveis, auto-eco-organizadas.

Assim, o caráter sistêmico e relacional nos possibilita compreender a formação do indivíduo a partir das redes relacionais no âmbito da aprendizagem. No caráter flexível e integrador sua origem polinizadora que surge por meio da aprendizagem multissensorial e interdisciplinar. Nos princípios e valores intrínsecos ao meio ambiente é possível considerar a Terra como ser vivo, pulsante, capaz de afluir os elementos da natureza, sejam em estado latente, ou em estado inerte (TORRE, 2008).

Para Moraes (2008b) ecologia é a ciência que estuda a dinâmica das relações entre seres vivos e seu meio em todas as manifestações existentes – natural, cultural, social, mental, individual, espiritual. Esta dinâmica revela uma “[...] interdependência entre todos os fenômenos da natureza, as relações existentes entre seres vivos, aprendizes e aprendentes, indivíduos e contextos, [...] que tudo que existe, na realidade co-existe [...]” e que há uma conexão em todas as relações manifestadas, que surgem a partir de um sistema aberto, móvel, contínuo, que aponta para a permanência de uma dinâmica que exprime a “natureza cíclica desses processos” que envolvem – o *triângulo da vida*<sup>4</sup> – indivíduo, sociedade, natureza (MORAES, 2008b, p. 133).

De acordo com Torre (2008), a ecoformação significa um caminho para “[...] buscar crescimento interior, a partir da interação multissensorial com o meio humano e natural, de forma harmônica, integradora e axiológica” (p. 13). A prática tradicional de formação se apoia no individualismo, no cognitivismo e no utilitarismo do conhecimento. A prática

ecoformadora segue além, tendo sua origem no respeito à natureza – a ecologia – no respeito e aceitação do outro – a alteridade – e no alcance de outros níveis de transcendência e realidade sensível – a transpessoalidade. Assim, a prática docente ecoformadora estimula a cooperação e a colaboração, se opondo ao individualismo e a competitividade existentes nas instituições formadoras nos dias de hoje e promovendo no ‘meio’ um processo de intercâmbio e de diálogo (TORRE, 2008).

Há uma reciprocidade na ação ecoformadora pela qual toda ação e toda relação são interdependentes, religando o humano em seu universo e ao universo de todas as coisas – material natural e espiritual. Com isso, a prática docente ecoformadora pode implicar a consciência espiritual por meio dos vínculos interativos entre: o desenvolvimento humano; o caráter sistêmico e relacional; o caráter flexível e integrador das aprendizagens; e os princípios e valores intrínsecos ao meio ambiente (TORRE, 2008).

Desse modo, toda essa ação ecológica interfere positivamente na formação integral, seja ela formal ou informal, do ser humano, relacionando-o e reconectando-o com o mundo – ecoformação – com os outros – coformação, hereteroformação – consigo mesmo – autoformação – e com a consciência do próprio ser – ontoformação (TORRE, 2008, p. 24).

Ou seja, uma educação ecoformadora nos traz a consciência de que todo o universo faz trocas sazonais, ecossistêmicas. Acorda-nos para o saber de que ninguém é ilha, todos, - independente de cor, etnia, espaço geográfico, estado físico, econômico, político ou religioso, - estamos interligados em algum nível e de alguma maneira, uns aos outros. Esta realidade nos torna consciente de que não há um piscar de olhos ou cair de folha que não afete a todo o universo (BUSCAGLIA, 1998; MATURANA, 2004). Tudo que fizermos a parte afetará ao Todo e tudo que

<sup>4</sup> D’Ambrósio, 1998.



fizermos ao todo afetará as partes. Lembrando-nos que holograficamente o outro e o Todo estão em nós e, nós estamos no outro e no Todo.

### Espiritualidade

Robert Solomon (2003) que nos revela uma perspectiva ética, moral e espiritual no campo da formação do ser, focada no ato consciente do estar presente no presente. Onde aprender sem reflexão, gera grande desperdício e que, a reflexão sem aprendizado é perigo camuflado.

Solomon (2003) aborda a espiritualidade como parte do aspecto do humano, um modo de ser, especialmente quando “[...] bebemos ao máximo de nossas vidas” (p. 40). Para o autor a espiritualidade é “um fenômeno humano”, inerente à natureza humana e exige além de sentimento, pensamento, aguda concepção do *self*. Por sua vez, o pensamento requer conceitos que exigem consciência, autoconsciência e autorreflexão, são estes impulsos que Solomon denomina de uma “vida examinada<sup>5</sup>”. “[...] Assim, espiritualidade e inteligência caminham de mãos dadas” e emergem por meio de uma vibrante “[...] sensação de autoconsciência, em que a própria distinção entre egoísmo e abnegação desaparece” (SOLOMON, 2003, p. 41).

Desse modo, enquanto a religião nos tornar pertencentes de um determinado grupo religioso como um fenômeno social, a espiritualidade expande este sentimento de pertença para a dimensão do universo, da totalidade. “A espiritualidade em seu esforço para abarcar o mundo, busca naturalmente conhecer mais sobre o mundo que abarca” (SOLOMON, 2003, p. 47).

Portanto, a ‘espiritualidade

naturalizada’, segundo Solomon (2003), não se fundamenta em um sentido religioso, institucional, teológico, anticientífico, dogmático, místico, acrítico, crédulo ou pervertido. Portanto, apresenta esta espiritualidade naturalizada caracterizada por três pressupostos: 1) espiritualidade tem a ver com os mecanismos reflexivos; 2) espiritualidade e ciência devem seguir em uníssono; 3) espiritualidade é diferente de religião. “A espiritualidade [...] é [...] o amor bem pensado à vida” (SOLOMON, 2003, p. 18).

Assim, a espiritualidade naturalizada consiste na percepção de tudo, na beleza e majestade de tudo que existe no macro e micro universo, desertos, floresta, montanhas, mares, rios etc., até aos mais minúsculos insetos e outros organismos invisíveis ao olho humano. Então, o lugar para se conectar com a espiritualidade é o “[...] aqui mesmo, em nossas vidas, e em nosso mundo, não alhures” (SOLOMON, 2003, p. 25).

Além do mais, Solomon (2003) nos alerta que a espiritualidade naturalizada pode ser encontrada no *phatos* humano. Em nossas paixões mais nobres<sup>6</sup>, particularmente, no amor. Há espiritualidade no entendimento de que não estamos no controle de tudo, pois há forças naturais que determinam nosso percurso, e mesmo sem compreender, nos parecem ter algum propósito. Mas, como aprender a pensar sobre nós e nossa relação com o outro, em termos de compaixão e partilha que se contrasta com o individualismo presente nos dias atuais? Para tanto, o “[...] mundo deverá ser unificado [...] na consciência humana, no modo como pensamos sobre nós [...] e nosso lugar no mundo” (SOLOMON, 2003, p. 29).

<sup>5</sup> Significa manter a atenção focada no momento presente, no acontecimento, em constante e profundo exame do que ocorre no aqui e no agora, em atitude atenta e consciente do presente. É manter a mente vigilante.

<sup>6</sup> Para Solomon (2003), essa nobreza deve ter cunho reflexivo em todos os aspectos da vida e, sobretudo, de uma vida vivida nos moldes do amor, da confiança, da reverência e da sabedoria. Sem deixar de lado também os aspectos mais terríveis da vida, que envolve a capacidade de resiliência, como: a tragédia e a morte.



A espiritualidade naturalizada conecta espiritualidade com ciência e natureza, onde a natureza é espiritual e a espiritualidade é a própria natureza desenvolvida plenamente em nós. A espiritualidade significa reflexão sobre o que representa a vida e que sentimentos profundos estes processos reflexivos podem nos trazer. Em uma análise social e global, a espiritualidade nos traz uma noção de “[...] nós mesmos identificados com os outros e com o mundo [...] e deve ser também compreendida em termos da transformação do *self*” (SOLOMON, 2003, p. 33).

A espiritualidade naturalizada de Solomon também nos revela uma perspectiva que envolve concomitantemente, ser/estar presente no presente e o autoconhecimento. É importante entendermos nesta perspectiva que, a espiritualidade é um processo intrínseco à vida humana. Portanto, para Solomon o “[...] *self* é um processo, e a espiritualidade é o processo de transformação do *self*”. A espiritualidade é a compreensão nítida do que é melhor em todos nós e para todos nós. Desse modo, a espiritualidade torna-se pela sua natureza um percurso social e não solitário, ao qual qualquer indivíduo pode alcançar (SOLOMON, 2003, p. 34).

Devemos, portanto, encontrar e criar procedimentos para que as novas sociedades que estão emergindo, possam cultivar uma nova espiritualidade, uma espiritualidade naturalizada, apoiada na própria interioridade e na própria autonomia, tendo como fundamento desta interioridade, autonomia, iniciativa, criatividade, resiliência e liberdade, sendo a experiência em nós mesmos da infinita dimensão do existir (HOLANDA, 2014).

É necessário, porém, respeitar suas condições culturais próprias da coletividade e as diferenças que dela emergem a partir da inovação e da mudança frequentes na sociedade, que nos impulsiona para vivermos em condição de globalidade.

Somente uma espiritualidade responsável socialmente e culturalmente viável, poderá salvar a humanidade e o planeta (HOLANDA, 2014).

Assim sendo, a espiritualidade está no toque do olhar, está no sopro do escutar, da escuta sensível e amorosa que reconhece e acolhe a presença do outro. Está na percepção sutil da carícia que toca a alma quando nossos olhos se miram no espelho que se faz presente diante da presença do outro-diferente, que também mora em nós. A espiritualidade está, sobretudo, no aprender a ser, estar e permanecer consciente das infinitas perspectivas que implicam a diversidade humana. Estar consciente de que a espiritualidade também se encontra no processo de inclusão, sendo esta, a consciência do sagrado que existe em cada ser que habita neste Universo. Com isso, a inclusão se torna uma percepção sem limites da vida que pulsa em todo o Universo com seus muitos versos e reversos. Inclusão é, portanto, despertar-se para a percepção de que eu não sou você, você não sou eu, mas somos todos UM.

Goswami et al (1998) e Goswami (2005), Grof (1999), Capra (1987) Braden (2008) Heisenberg (1959), Zohar (1990), Zukav (1999), Bohm (1980) e muitos outros filósofos, físicos e cientistas, nos dizem que somos moléculas de carbono, poeira de estrela, matéria primeira do Universo. Somos o vazio repleto de possibilidades, as quais compõem a natureza de seres com ilimitadas potencialidades. Somos também energia vagante, seres errantes, matéria e espiritualidade. De Deus, somos a genialidade, com nosso potencial ilimitado de criação desde que tenhamos consciência de nossa interligação.

David Bohm (1980) em seu livro *A Totalidade e a Ordem Implicada*, também citado por Braden (2008, p. 9), nos fala de uma ordem implicada e uma ordem explicada. Ou seja, tudo o que podemos ver e tocar e que aparece individualizado no nosso mundo (as rochas, os oceanos, as





florestas, os animais e as pessoas) Bohm nomeou de ordem explicada. Contudo, ele nos diz que, por mais que essas coisas pareçam ser diferentes umas das outras, elas se encontram ligadas a uma realidade mais profunda, de uma maneira que simplesmente estamos impossibilitados de ver a partir do lugar que ocupamos na criação. Melhor dizendo, todas as coisas que aparentemente, parecem estar separadas de nós como se fizessem parte de uma totalidade maior, ele nomeou de ordem implicada. Como já dissemos, todos nós estamos ligados uns aos outros em algum nível e de alguma maneira. Todos nós, em nível biológico, físico e químico somos coo-dependentes uns dos outros e do todo. Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Nós, seres humanos somos assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros? Nesse mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

Assim sendo, trazemos um discurso de Chaplin, no vídeo, “O grande ditador”, filme de autoria de Chaplin, produzido em 1940, que nos fala sobre um mundo que podemos construir. Vamos refletir sobre seu discurso e nossa ligação, nossa implicação:

Dentro do contexto do filme “O grande ditador”, alertamos que o caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio... e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e

doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo estará perdido.

Ou seja, como nos diz Alves (2009b) 'o humano se humaniza pela carícia do amor que o sensibiliza [...] Todos somos artesões da tessitura da vida, todos somos fios da teia da vida, cada um com seu infinito valor que nasce do amor!

Também, como expressa uma frase de Johann Goethe, somente se torna possível ensinar uma criança a amar, amando-a. Eu diria também que somente se torna possível ensinar uma criança a não excluir, a não ser violenta, reconhecendo-a, incluindo-a, legitimando-a como única, una e especial. Deste modo, acreditamos que despertar da consciência humana - entendendo que consciência “não é o produto do cérebro, e sim um princípio primário da existência, desempenhando um papel fundamental na criação do mundo fenomenal” (GROF, 1999, p. 6) - só pode ocorrer mediada pelo amor, pela sensibilidade, pela escuta sensível e amorosa, pela percepção da multidimensionalidade humana, pela consciência espiritual no aqui e no agora, pela percepção da interdependência e interligação de todos os seres cósmicos. E, para tanto, o uso de Estratégias de Aprendizagem Integradoras se constitui em um valor fundamental. Mas, que estratégias seriam estas?

A consciência espiritual nos desperta para um novo olhar, o da escuta sensível e amorosa, isto nos permite perceber cada ser e suas diferenças e assim, reverenciá-lo. Porque, a partir de uma consciência desperta e atenta, percebemos a nossa interdependência. Percebemos o significado de cada criatura viva e sua implicação para conosco e para o desenvolvimento de todo o Universo.

Conforme Zukav (1999, p. 90), toda intenção põe energia em movimento, estejamos ou não conscientes disso. Desse modo, Toda palavra que pronunciamos contém energia e também inteligência. E toda energia molda o Universo, molda o meio e o contexto que vivemos. Mas,



lembramos que não é só Zukav que diz isto, todos os cientistas que citamos acima, de Bohm a Heisenberg, conspiram com nossas palavras e de Zukav. Moldamos nosso meio com nossos pensamentos e ações. O que somos e construímos é nossa energia consciente e materializada, energia em forma de matéria. Nisso consiste nosso desafio e responsabilidade. Se queremos um mundo para todos, um mundo de paz, de alegria e partilha, com seres humanos afetuosos, criativos, solidários e cooperativos, comecemos conosco mesmo: conscientizemo-nos de nossa interdependência, do nosso potencial de criação e amorosidade.

Lembre-mo-nos que, para além de toda e qualquer religião, somos energia, somos seres espirituais em uma materialização e experiência humana. E terminamos com dois pequenos trechos, um do físico e ganhador do prêmio Nobel Max Plank, e o outro, do também físico Amit Goswami, ambos citados por Braden (2008, p. 16).

A ciência não pode resolver o derradeiro mistério da natureza. E isso porque, em última análise, nós mesmos somos [...] parte do mistério que tentamos resolver (MAX PLANCK, apud BRADEN, 2008, p. 16).

Quando nos compreendemos, quando compreendemos a nossa consciência, compreendemos também o universo e a separação desaparece. (AMIT GOSWAMI, apud BRADEN, 2008, p. 16).

Somos raio, luz, manhã de sol, somos a semente que germina, somos a vida que nasce e termina. Somos o som da música que o vento canta e que nos encanta, somos aquilo que vivemos, amamos e compartilhamos, somos holograma. Parte e todo parte do todo. Somos todos em um, todos somos Um.

Nesta perspectiva, Capra (1991) nos revela que “[...] o sentido de pertencer [...] repousa no âmago da percepção espiritual” (p. 8). Dessa maneira, um novo olhar científico pode relacionar-se com as

questões da espiritualidade, nos oferecendo uma ligação com o Universo, nos proporcionando um sentido de pertença Cósmico. Segundo o autor precisamos entender que todos nós nos pertencemos nesta vasta Unidade Cósmica (CAPRA, 1991).

Agora terminamos essa reflexão com uma frase de um dos maiores líderes espirituais de nosso tempo, Dalai Lama,

Considero que a espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano - tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia - que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros (LAMA, 2000, p. 32-33).

### Conclusões Caminhantes

Espiritualidade é inspiração, transformação, sentimento e emoção em ação. Lama no texto acima nos diz o que é espiritualidade, assim, aponta-nos também caminhos para a paz, para a aceitação do outro sem limites e paradigmas, sem pressupostos, preconceitos ou julgamentos. Inclusão assim torna-se algo como o reconhecimento, a legitimação de nossa matriz de amorosidade, compaixão, solidariedade e outros valores essenciais para realizarmos. Assim, construímos e vivenciamos a criatividade e a espiritualidade para além da religião. Conspiramos para a Ética da Vida!

Complexidade, Criatividade, Resiliência, Ecoformação são conceitos e princípios essenciais para se alcançar uma nova consciência de interdependência e interligação. Além disso, nos conduzem ao autoconhecimento, auto-eco-hetero-organização e à espiritualidade. O autoconhecimento, a abertura para o outro e para nós mesmos, a flexibilidade e a cooperação, despertados pela amorosidade, acolhimento, escuta sensível para conosco e para o outro, remete-nos, provoca-nos a



consciência espiritual que, por conseguinte, nos leva a interdependência, a inclusão.

Podemos perceber que, quando se permite a abertura constante para novas maneiras de ver e sentir o mundo, percebe-se a sua natureza em suas múltiplas dimensões, como um organismo vivo, criativo, auto-organizador e evolutivo. Nisso, temos a possibilidade de desenvolver e incorporar novos valores e crenças mais associados à visão complexa de mundo. Um mundo tecido junto, fio a fio e com todos os fios. Assim, a criação e construção do conhecimento passam a ter mais consistência e novas perspectivas humanas de interação abrem-se, favorecendo à integração dos seres humanos entre si e para com a natureza, potencializando-se e renovando-se o processo evolutivo que atualmente se encontra ameaçado.

#### Referências

ALVES, M. Dolores.F. **Favorecendo a inclusão pelos caminhos do coração:** complexidade, pensamento eco-sistêmico e transdisciplinaridade. Rio de Janeiro, WAK, 2009a.

\_\_\_\_\_. **De professor a educador.** Contribuições da Psicopedagogia: ressignificar os valores e despertar a autoria. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: WAK, 2009b.

BRADEN, G. **A Matriz Divina:** uma jornada através do tempo, do espaço, dos milagres e da fé / tradução Hilton Felício dos Santos. São Paulo: Cultrix, 2008.

BOHM, D. **Diálogo:** comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Totalidade e a ordem implicada.** São Paulo: CULTRIX, 1980.

BUSCAGLIA, Léo. F. **Amor.** Rio de Janeiro: Record, 1989.

CAPRA, F. **A teia da vida:** Uma compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: editora primeira edição, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pertencendo ao universo:** explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Ponto de mutação - A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergentes.** São Paulo, Cultrix, 1987.

D'AMBRÓSIO, U. et al. **Conhecimento, cidadania e meio ambiente.** São Paulo: Peirópolis, 1998.

DELORS, Jacques. **Educação, um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 2000.

GOSWAMI, A. (). **O universo autoconsciente:** como a consciência cria o mundo material. Trad. Ruy Jungmann. São Paulo: Aleph, 2008.

\_\_\_\_\_. (2005). **A física da alma.** São Paulo: Alpha, 2005.

GROFF, S; LAZLO, E.; RUSSELL, P. (). **La revolución de la consciencia.** Barcelona: Kairós, 2000.

HOLANDA, Maria Júlia Batista de. **Consciência espiritual no ato docente.** Brasília: Programa de Pós-graduação em Educação: UCB/DF. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

LAMA, D. (). **Uma ética para o novo milênio;** trad. Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MATURANA, Humberto, YANEZ, Ximena Davila. **Habitar humano em seis Ensaio de biologia-cultural.** São Paulo: Palas Athena, 2009.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana.** Org. e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

\_\_\_\_\_. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ontologia da realidade.** In: Magro, C. et al. (Orgs.) Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas e seres vivos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.



\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **A árvore do conhecimento:** as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Psy, 1995.

MATURANA, Humberto, YANEZ, Ximena Davila. **Habitar humano em seis Ensaios de biologia-cultural.** São Paulo: Palas Athena, 2009.

MORAES, Maria Cândida. **Contribuições para um pensamento do sul** in MORIN, Edgard. et. al. Por um pensamento do sul: diálogos com Edgar Morin. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Ecologia dos saberes:** Transdisciplinaridade, complexidade e educação. São Paulo: ProLíbera Editora: Antakarana/WHH -Willis Harman House, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Pensamento eco-sistêmico:** educação aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Educar na biologia do amor e da solidariedade.** São Paulo: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_; TORRE, Saturnino de la. **Sentipensar:** Fundamentos e Estratégias para Reencantar a Educação. Vozes, 2004.

RANDOM, Michel. **O pensamento transdisciplinar e o real.** São Paulo: Triom, 2000.

MORIN, Edgar. **O método V: A humanidade da humanidade: A identidade e humanas.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. **O método I: A natureza da natureza,** Porto Alegre: Sulina, 1977.

\_\_\_\_\_. **O método II: A vida da vida,** Porto Alegre: Sulina, 1980.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para cético:** paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TORRE, Saturnino de La. **La adversidade esconde um tesoro.** Otra manera de ver La

adversidade y la crisis. Sevilla: circuloorojo, 2011. MORIN, Edgar. **O método: V A humanidade da humanidade: A identidade e humanas,** Porto Alegre: Sulina, 2002.

\_\_\_\_\_. **Decálogo sobre transdisciplinaridade e ecoformação.** In: MORAES, Maria Cândida.; PUJOL, Maria Antonia. **Transdisciplinaridade e ecoformação: um novo olhar sobre a educação.** São Paulo: TRIOM, 2008.

ZOHAR, Danah. **O Ser quântico.** São Paulo: Best Seller, 1990.

ZUKAV, Gary. **A morada da alma.** São Paulo: Cultrix, 1999.